

SES, Ferrnndo Cabreira, Demétrio Magnoli (juizante), Miguel de Almeida (juizante), Joaqu Santana (juizante), Washington Mesquita (juizante)
TER, Vernal Pereira, Carlos Andrezza, Qila Vera Magalhães, Gic Casquin, Bernardo Vello Franco, Roberto Talafra (juizante), Gic Vernal Pereira, Itali, Gesc
SES, Vera Magalhães, Fátima Oliveira, Pedro Costa, Benedito Vello Franco, **SAS**, Carlos Alberto Sanderberg, Zolufra Afonso, Polir Cristoval, **DOM**, Vernal Pereira, Conil Harazin, Benedito Vello Franco

PABLO ORTELLADO



O espectro da guerra civil

Uma pesquisa do instituto YouGov para a revista britânica The Economist em 2022 mostrou que 14% dos americanos consideram "muito provável" e 29% consideram "um pouco provável" que os Estados Unidos enfrentem uma guerra civil na próxima década. Sessenta e seis por cento dos entrevistados acreditam que, depois do 6 de janeiro de 2021 (quando houve a invasão do Congresso americano), o país ficou ainda "mais dividido", e 65% creem que a violência política "aumentou". No Brasil, a situação não é muito diferente.

Levantamento do instituto Quæst, publicado aqui no GLOBO, mostrou, na véspera das eleições de 2022, que 12% dos brasileiros consideravam "muito justificado" e 9% "um pouco justificado" o uso de violência se o outro lado vencesse as eleições. Três meses e meio depois, tivemos o 6 de Janeiro. É num futuro próximo, derivado dessas tensões políticas, que se passa o novo filme de Alex Garland, "Guerra civil", que entrou em cartaz neste fim de semana.

O filme é uma distopia realista sobre os Estados Unidos destruídos por uma guerra civil sangrenta. Um grupo de jornalistas tentam trabalhar para a agência Reuters e o jornal *The New York Times* viaja de carro de Nova York a capital Washington para tentar entrevistar o presidente antes que forças rebeldes cerquem a cidade e tomem o poder. Num episódio de tensão e terror, os quatro jornalistas são tomados por soldados e soldados, um estádio convertido em centro de acolhimento, um posto de gasolina controlado por justiceiros e cidades ocupadas por guerrilheiros e milicianos.

O filme filia-se a uma tradição de perturbadores filmes apocalípticos, como "Apocalypse now" (1979), "Platoon" (1986), "Nascido para matar" (1987) e "Guerra ao terror" (2008). Da diretora Kathryn Bigelow, de "Guerra ao terror", incorpora uma mensagem política à trama de um documentário, que provoca calafrios ao ser encenada em locais conhecidos nos Estados Unidos. De Francis Ford Coppola,



Garland faz uma citação direta numa das cenas finais de batalha, que remete à famosa cena da dança dos helicópteros de "Apocalypse now". Ao produzir essas cenas ultrarrealistas de batalha que nos relembram a crueldade da guerra, Garland quer fazer um alerta: a consequência lógica do aprofundamento da polarização política é a violência, a guerra civil fratricida entre compatriotas que não mais se aceitam.

Essa mensagem política do filme, porém, tem sido muito debatida. Garland optou por embarrilhar as referências políticas em seus Estados Unidos distópicos. O presidente do filme está no terceiro mandato (quando a Constituição só autoriza dois), e descobrimos que fechou o FBI e bombeou civis, mas não sabemos se é republicano ou democrata. Contra ele, forma-se uma coalizão de dois estados que também têm orientação política desconhecida: a reunião do Texas e a Flórida, hoje marcadas pela orientação política oposta. A Califórnia quer a esquerda e o Texas de direita. Diálogos esparsos dos personagens não dão pistas dos motivos da divisão política, e ela não parece ser a fratura que divide hoje republicanos con-

servadores e democratas progressistas. Nas cenas de batalha, nunca sabemos bem com que lado os agentes armados estão colaborando. É como se o filme nos dissesse que isso não importa.

Em entrevistas, Garland tem defendido sua abordagem que impede o público de se reconhecer e se alinhar com um dos lados da disputa. Críticos do filme têm chamado o resultado de "bobo" e "superficial" ao tentar enfrentar os temas reais que nos dividem. A resenha no jornal *The Wall Street Journal* chamou o filme de "carnificina sem carne". Já a revista *The New Yorker*, afirmou: "Garland se perdeu numa névoa não partidária".

Garland, porém, evita perder espectadores discutindo as causas do conflito e preferiu, ao contrário, mostrar aos dois lados para onde a polarização exacerbada pode nos levar. Seu filme não é uma reflexão sobre os temas dos nossos conflitos políticos, é uma reflexão sobre a maneira como eles nos afetam. E ele nos lembra que a violência — consequência lógica da polarização crescente — é a própria falência do espírito humano.

EDUARDO
AFFONSO

O pitbull e a poeta

O GLOBO de ontem trouxe na primeira página a imagem de uma mulher, sem um dos braços, coberta de ataduras e cicatrizes, passando de cadeira de rodas pelo corredor do hospital, sob aplausos. Ela voltava para casa, 13 dias depois de ter sido quase destruída por três cães enquanto caminhava pela rua onde mora, em Sapucaia. Cinco dias antes do ataque, um acidente de trânsito havia causado a morte de um homem, em São Paulo. As manchetes desses casos foram variações de "Acidente de Porsche mata motorista de aplicativo" e "Escritora é atacada por pitbulls".

Sim, não eram quaisquer cães: eram pitbulls. Nem era uma mulher qualquer: era (é) Roseana Murray, escritora, poeta. O outro caso não foi, tampouco, um acidente comum: o empresário (ao que tudo indica, alcoolizado) acelerou seu Porsche e esmagou nas ferragens um motorista de aplicativo.

Supõe-se que a linguagem jornalística deva ser imparcial, desapaixonada. Um consórcio de objetividade, clareza, concisão. Mas enfatizar o Porsche mal disfarça o ranço em relação aos rios (a manchete inclu-

Pitbulls não são monstros. São cães, essa espécie que colou na

Os cães que atacaram Roseana estavam anêmicos e eram mantidos em espaço exíguo e insalubre. No abrigo onde está, não demonstraram nenhuma agressividade

ARTIGO

Ciência e descriminalização das drogas



A aprovação da PEC das Drogas no Senado, inserindo na Constituição a lei que já criminalizava o porte e a posse de qualquer tipo ou quantidade de substâncias ilícitas, na contramão da recente liberação do uso da Cannabis na Alemanha, alimentou o debate sobre a maconha no Brasil. Uma discussão, infelizmente, mais apaixonada que racional, frequentemente com desprezo a fatos, argumentos ou à própria ciência, num Fla-Flu interminável e infrutífero.

Liberar ou reprimir? Numa batalha com aspectos morais, jurídicos e até religiosos, vemos tanto os afetados pela planta — sim, ela é danosa à saúde — quanto os beneficiados por seu potencial terapêutico — sim, ela tem aplicação médica — à espera de uma legislação sem viés ideológico. Um arcabouço legal erigido em consenso, livre de reviravoltas como a do Oregon, nos Estados Unidos, que em março aprovou a recriminalização do porte de drogas, recusando da lei que o punia apenas com multa, não mais com prisão.

A princípio conflitantes, as decisões da suísta Alemanha e do progressista Oregon viraram agora nesta guerra cujos interesses ultrapassam a saúde pública, pois envolvem uma indústria bilionária. Uma cadeia que vai da venda da planta e derivados à administração de presídios privados, num quadro em que a liberalização pode gerar enormes lucros ou

prejuízos. Para entender essa aparente contradição entre as duas posições, devemos, antes de tudo, examiná-las com cuidado.

Numa leitura apressada, os alemães teriam dado um passo rumo à liberação total da maconha, quase a ponto de virar um paraíso dos usuários da droga. O Oregon, em contraste, teria subitamente adotado uma pos-

A saúde dos brasileiros não pode ser refém de interferências políticas, morais ou religiosas, deve ser tratada sob a luz de dados confiáveis

Na Alemanha, pela nova lei, os maiores de 18 anos podem portar até 25 gramas de maconha na rua, 50 gramas em casa e cultivar até três plantas. O consumo em público, entretanto, tem severas restrições — é proibido fumar perto de escolas e campos esportivos. Só se pode adquiri-la associando-se a um clube de produtores sem fins lucrativos, com até 500 integrantes, e morando no país. Turismo da droga, nem pensar. A ideia é minar o crime organizado, criando uma de suas moedas.

No Oregon, um plebiscito decidiu em 2020 que os usuários de qualquer droga deveriam passar por tratamento, não ser detidos. Houve, porém, uma epidemia de fentanil, um potente opiáceo, e as mortes por overdose cres-

ceram 42% em 2023. Mesmo sem uma ligação comprovada entre os dois fatos, a regra foi modificada. Agora, somente o usuário que não aderir ao programa de reabilitação pode ser preso, por até 180 dias. Nenhuma guinada radical, e sim uma adaptação a um novo cenário, mantendo o cerne da proposta inicial: foco na saúde, não na repressão.

No Brasil, onde o Supremo Tribunal Federal analisa o assunto, estabelecendo limites entre usuários e traficantes de maconha, os exemplos da Alemanha e do Oregon podem inspirar uma solução equilibrada, que leve em conta o impacto de uma eventual liberação sobre a saúde, sobre a segurança pública e até sobre a economia do país. Teremos de ampliar nossa rede de atendimento aos portadores de dependência, cujo número, principalmente entre os mais jovens, inevitavelmente aumentará.

Esse debate precisa evitar preconceitos e conclusões apressadas e tendenciosas, comuns no discurso dos dois lados desse intrincado xadrez. A questão é polêmica, mas nem por isso deve alargar a já enorme fissura em nossa sociedade. A saúde dos brasileiros não pode ser refém, como infelizmente temos visto, de interferências políticas, morais ou religiosas, deve ser tratada sob a luz de dados confiáveis — da ciência, enfim.

Jorge Jaber é psiquiatra, membro fundador e associado da International Society of Addiction Medicine, associado da New York Academy of Sciences, da American Psychiatric Association (APA) e da World Federation Against Drugs (WFAD).

Os cães que atacaram Roseana estavam anêmicos e eram mantidos em espaço exíguo e insalubre. No abrigo onde está, não demonstraram nenhuma agressividade

do, cuja morte ensaia um luto difícil de elaborar. São dóceis, cheios de energia, fortes, corajosos. Mais até que um filho costuma se parecer ao pai, o pitbull — como todo cão — se parece com o dono (termo que saiu de moda: agora é "tutor"). Um tutor violento ou negligente fará de seu cão (de que raça for) uma criatura à sua imagem e semelhança. Com uma diferença: o estrago causado por um caramelo não se compara àquele de que é capaz um rottweiler, um pastor-alemão.

Animais que sofrem maus-tratos tendem a ser mais agressivos. Adestrados para luta, tornam-se feras. Não é assim também com nossa espécie? Fanatize um ser

Os cães que atacaram Roseana estavam anêmicos e eram mantidos em espaço exiguo e insalubre. No abrigo onde estão agora — cuidados e à espera de adoção responsável —, não demonstraram nenhuma agressividade. Um Porsche, que pode ir de 0 a 100 km/h em 3,5 segundos, oferece muito mais riscos que um fusquinha — mas só quando conduzido por um inconsequente. O problema nunca foi o Porsche ou o pitbull — mas quem dirige o carro (qualquer carro).

Para Roseana, a experiência de sobreviver a Cérebro — o cão de três cabeças da mitologia — aumentou sua responsabilidade “em relação à vida e a tudo o que é belo”. Não demonizou uma raça de cães (também eles, vítimas) e pode, com sua força e sua sensatez, ajudar a salvar vidas — humanas e caninas. Ainda no CTI, escreveu:

O do jornalista é retratar o fato, sem manipular a dor alheia para validar as próprias crenças — seja sobre políticos, Porsches ou pitbulls.